

LEITURAS DE BOURDIEU: O CAMPO, O INTELLECTUAL E O SABER

READING BOURDIEU: THE FIELD, THE INTELLECTUAL AND THE KNOWLEDGE

João Rodolfo Munhoz Ohara*

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Pode-se dizer que Pierre Bourdieu foi um autor que dividiu opiniões fortes a seu respeito. Por um lado, ao apontar para a maquinaria de produção de legitimidade e as lutas pelo poder de classificar, sua obra abriu espaço para uma crítica ainda mais ferrenha do sistema educacional e das formas de violência e dominação simbólicas atuantes em nossas sociedades. Por outro lado, essa mesma postura crítica do presente o transformou no alvo privilegiado de artistas e intelectuais descontentes com sua análise e sua desmistificação de seus campos. Em “O sociólogo e o historiador” temos acesso a cinco conversas entre o mesmo e Roger Chartier em *À voix nue*, programa de rádio francês, transmitido entre 1º e 5 de fevereiro de 1988¹, nas quais Bourdieu discute aspectos importantes de seu trabalho e de sua própria posição no campo intelectual por ele analisado. Para nós, historiadores, o ponto valioso se dá na interlocução com Roger Chartier, expoente contemporâneo dos *Annales* e uma das referências mais citadas em história cultural o Brasil, a partir da qual os problemas da sociologia se mostram estreitamente – talvez mais estreitamente do que os próprios autores considerem – ligadas a problemas da historiografia desde os anos 70 na França – problemas estes que a historiografia brasileira, altamente debitária da francesa, acabou por comprar para si nos anos 80 e 90.

* Mestrando em História Social na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e bolsista da CAPES. E-mail: ohara.hal@gmail.com

Por ocasião de sua morte em 2002, Pierre Bourdieu havia se tornado um intelectual de altíssimo prestígio na França: além de catedrático do *Collège de France*, filiado ao *Centre de Sociologie Européenne* da *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, fundador do periódico *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Bourdieu também era figura importante na mídia francesa.² Conforme nos lembra Chartier, o período dessas entrevistas encontra um Bourdieu “[...] menos confinado nos papéis que, mais tarde, veio a assumir por escolha ou por imposição [...]”³, e um Bourdieu preocupado em entender as ásperas reações ao seu pensamento; um Bourdieu preparando *Les Règles de l’art* (1992), e já fluente no tratamento de Manet e Flaubert.

A obra se abre com a discussão de “O ofício do sociólogo”, primeiro capítulo do livro. Fica bastante clara a postura de Bourdieu quanto a seu fazer, e como Andrea Daher e José Sergio Leite Lopes discutem no posfácio, esboça-se aqui a acuidade com que o sociólogo trata seus temas de maneira bastante histórica e contingencial. Já em 1988, Chartier e Bourdieu discutem a impossibilidade de pensar o papel do intelectual como um papel profético; ao contrário, coloca-se como tarefa o desmontar dos automatismos e a elucidação das lutas por meio das quais emergem os conceitos – e mesmo as lutas em torno da escolha das palavras para expressar determinado conteúdo teórico. Seguir tal linha de raciocínio nos leva ao que Bourdieu chamou de esquizofrenia do fazer sociológico; apresentar seu pensamento e, ao mesmo tempo, dizer “Atenção para o que vocês estão lendo”.

Na segunda entrevista, “Ilusões e conhecimento”, a discussão em torno do papel do intelectual aponta para a “ilusão de liberdade” e a antipatia de intelectuais e artistas em torno das considerações de Bourdieu acerca da constituição dos campos e das lutas de classificação. Ele ainda critica aqui o que chama de doxósofos: assim como os sofistas gregos, tais doxósofos seriam os responsáveis por produzir as “sondagens”, pesquisas produtoras de uma “aparência enganadora a respeito do mundo social”.⁴ Questiona-se, então, a possibilidade do saber sociológico: para Bourdieu, o saber é possível quando se estabelecem certas regras de discussão, como, por exemplo, a diferenciação de argumentos científicos e argumentos políticos, e, em seguida, a interdição da possibilidade de um combate entre ambos.

Para “Estruturas e indivíduos”, o terceiro capítulo, Bourdieu diz que considera certas oposições – macro/micro, sociedade/indivíduo, objetivo/subjetivo – como falsas oposições. Tais falsos problemas, continua, “se apoiam em verdadeiros problemas sociais ou em verdadeiros interesses sociais”.⁵ Da mesma maneira, as ditas revoluções paradigmáticas são apontadas como produtos de leis de campo a partir das quais, para este ponto específico, Bourdieu aproxima o campo acadêmico e intelectual do campo da *haute-couture*. Para fundamentar sua posição, ele aponta para o problema já levantado por Durkheim

– e diz que tal problema se aplica também à historiografia –, qual seja, a idéia de que o pesquisador tem a ciência infusa; “estamos convencidos de que compreendemos tudo imediatamente, e um dos obstáculos à compreensão é essa ilusão da compreensão imediata”.⁶ Reflete, então, sobre a falência do modelo do “intelectual geometral”, capaz de uma visão totalizante, tal qual proposta por Spinoza e Durkheim acerca da ambição de uma “verdade transcendente aos interesses particulares”.⁷

“*Habitus* e campo”, a quarta entrevista, entra mais especificamente no trabalho de Bourdieu através de uma reflexão acerca de seus dois conceitos que dão nome a este capítulo. Inicialmente, reflete-se sobre uma espécie de estudo genealógico do conceito de *habitus* tal qual empregado por Bourdieu; para ele, tal noção é importante por “lembrar que os agentes têm uma história, que são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio”.⁸ Chartier aponta, então, para a tensão colocada por um tipo de leitura determinista do *habitus*; Bourdieu responde negando a dimensão de *fatum* que se pode associar ao conceito, optando por trabalhá-lo como um sistema aberto a transformações – o que em outras obras suas ele designa como sistema estruturável e estruturante.⁹ Relacionando o *habitus* ao campo, ele aponta mais uma vez para as lutas em torno da representação e da classificação, levantando o problema da violência simbólica atrelado ao direito de nomear o outro. Eis que o campo se coloca – como José Murilo de Carvalho e Roger Chartier dizem no posfácio – como um conceito importante porém de uso bastante complicado, sem muita plasticidade histórica, posto que o próprio Bourdieu atentou-se para a gênese desses campos e para o que denominou como a “pré-história” dos mesmos.

A última entrevista da série, “Manet, Flaubert e Michelet”, desenvolve a reflexão do campo mais profundamente – principalmente, em nossa leitura, por conta da aproximação com o trabalho em andamento naquele momento, *Les Règles de l'art*. Aqui Bourdieu explora a construção das regras campo artístico a partir de Manet, na pintura, e Flaubert, na literatura, apontando para a subversão do campo da arte por Manet, a partir da qual se pode falar numa espécie de anomia (em relação à palavra grega *nómos*) a partir da qual se instala ou se torna mais acirrada a luta em torno da legitimidade e do poder de classificar; eis que, da mesma maneira, coloca-se que o *naïfs* só se estabelece em relação a um campo estabelecido. Analisando, então, os campos artístico e intelectual, Bourdieu levanta a questão formal como um problema sociológico. Ao observar as relações entre sociologia, história e literatura, e entre estas e a realidade social, Bourdieu e Chartier discutem a capacidade plástica do campo artístico que consiste na possibilidade de construir uma crítica social e expressá-la de maneira formalmente aceitável pelo público, enquanto que a história e, ainda mais, a sociologia abrem mão do formalismo por uma postura

mais próxima de um tipo específico de objetivismo. Quanto a isso, Bourdieu ainda aponta para a liberdade maior neste sentido formal de que dispõe o historiador em relação ao sociólogo; para ele, a distância temporal permite ao historiador um maior esforço narrativo, enquanto que do sociólogo se cobra um poder sintético maior, uma maior capacidade de “ir ao essencial”.

O livro inclui como posfácio a fala de Roger Chartier e o debate com José Sérgio Leite Lopes e Andrea Daher em torno da obra de Bourdieu e, mais especificamente, sua relação com a historiografia. Esse texto, já publicado previamente na revista *Topoi*, da pós-graduação em história da UFRJ, coloca-se em um contexto já bastante posterior ao das entrevistas, mais especificamente no ano da morte de Bourdieu. Chartier toca muito do que foi trabalhado nas cinco entrevistas de 1988, e José Sérgio Leite Lopes traça uma cronologia bastante interessante do trabalho de Bourdieu e da relação entre história e as outras ciências sociais tal qual abordada ao longo de sua obra. O debate e as perguntas seguintes ampliam a discussão, retomando obras como *La Domination masculine*, seu trabalho sobre a Cabília e sua relação de complementaridade intelectual com Abdelmalek Sayad em relação aos trabalhos com a Argélia.

Considerando a importância de Bourdieu para pensar questões da historiografia contemporânea, como a possibilidade do saber historiográfico, a construção do campo historiográfico como campo de saber e de poder, ou mesmo as questões relativas ao ensino de história, “O sociólogo e o historiador” apresenta uma introdução valiosa aos leitores iniciantes em sua obra. De linguagem mais acessível que, por exemplo, *La Distinction*, as entrevistas possibilitam o esclarecimento do trabalho elaborado por Bourdieu de maneira, sim, provisória e parcial, mas que leva a pensar a própria historicidade do autor. Eis que, como diz Chartier em sua fala na UFRJ, coloca-se como importante o trabalho *com* Bourdieu, no sentido de ampliar seu pensamento para áreas que ele não teve a oportunidade de abordar; pensar criticamente a obra, historicizando conceitos e relações construídas, a fim de cumprir o papel pretendido pelo autor: desestabilizar os automatismos sociais, mostrar-lhes a constituição histórica e política (no sentido de se estabelecerem pelo poder) e instrumentalizar o saber a fim de apontar para a possibilidade de liberdade em meio às determinações e dominações.

NOTAS

¹ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 14.

² *Ibid.*, p. 104.

³ *Ibid.*, p. 7.

⁴ Ibid., p. 35.

⁵ Ibid., p. 46.

⁶ Ibid., p. 47.

⁷ Ibid., p. 56.

⁸ Ibid., p. 58.

⁹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 59-73; BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 337-361; BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 162-211.

Resenha recebida em abril de 2012. Aceita em agosto de 2012.